

contos de
Grimm



Cinderela

ILUSTRAÇÕES DE
Anastassija Archipowa

TEXTO EM PORTUGUÊS DE
Maria Heloísa Penteado



Divulgação

Anastassija Archipowa nasceu em 1955 e estudou na Escola Superior de Artes W. I. Surikov, em Moscou. Ela já ilustrou vários clássicos da literatura universal, e seu trabalho é conhecido em toda a Europa. Com suas ilustrações, Anastassija nos transporta para uma viagem no tempo e no espaço, recriando personagens — camponeses, princesas, príncipes, duendes e animais encantados — numa atmosfera típica dos contos maravilhosos.

Maria Heloísa Penteado é autora brasileira consagrada que há mais de 60 anos cria histórias para crianças. Sua obra inclui muitos clássicos da literatura nacional, dentre eles *Lúcia Já-Vou-Indo* e *No Reino Perdido do Beleléu*. Sua versão criteriosa dos contos dos irmãos Grimm não suprimiu nenhum detalhe das narrativas originais. Com seu estilo, manteve a graça e a simplicidade que fizeram desses contos uma leitura tão querida por crianças das mais diversas origens e épocas.



Arquivo pessoal

Cinderela



Há muito tempo, aconteceu que a esposa de um rico comerciante adoeceu gravemente e, sentindo seu fim se aproximar, chamou sua única filha e disse:

— Querida filha, continue piedosa e boa menina, que Deus a protegerá sempre. E lá do céu olharei por você, e estarei sempre ao seu lado. — Mal acabou de dizer isso, fechou os olhos e morreu.

A jovem ia todos os dias visitar o túmulo da mãe e chorava muito. Veio o inverno, a neve cobriu o túmulo com seu alvo manto. Chegou a primavera, o sol derreteu a neve, e o viúvo tornou a se casar.

A nova esposa trouxe suas duas filhas, ambas louras e bonitas, mas só exteriormente. Tinham a alma feia e cruel. Então começaram dias difíceis para a pobre enteada.

— Essa imbecil não vai ficar no quarto conosco! — reclamaram as moças. — O lugar dela é na cozinha! Se quiser comer pão, que trabalhe!

Tiraram-lhe o vestido bonito que usava, obrigaram-na a vestir outro, velho e desbotado, e a calçar tamancos.

— Vejam só como está toda enfeitada a orgulhosa princesinha de antes! — disseram a rir, levando-a para a cozinha.

A partir de então, ela foi obrigada a trabalhar de manhã à noite nos serviços mais pesados. Precisava levantar-se de madrugada para buscar água e acender o fogo. Era ela quem cozinhava e lavava. Como se não bastasse, as irmãs caçavam dela e a humilhavam. Despejavam lentilhas e feijões nas cinzas do fogão, para obrigá-la a catá-los.

À noite, exausta de tanto trabalhar, ela não tinha onde dormir e era obrigada a se deitar sobre as cinzas do fogão. E, como andasse sempre suja e cheia de cinza, só a chamavam de Cinderela.



Uma vez, o pai resolveu ir a uma feira. Antes de sair, perguntou às enteadas o que desejavam que ele trouxesse.

— Vestidos bonitos — disse uma.

— Pérolas e pedras preciosas — disse a outra.

— E você, Cinderela, o que vai querer? — perguntou o pai.

— No caminho de volta, pai, quebre o primeiro ramo que bater no seu chapéu e traga-o para mim.

Ele partiu para a feira, comprou vestidos bonitos para uma das enteadas, pérolas e pedras preciosas para a outra e, de volta para casa, quando cavalgava por um bosque, um ramo de aveleira bateu no seu chapéu. Ele quebrou o ramo e levou-o. Chegando em casa, deu às enteadas o que elas haviam pedido, e à Cinderela, o ramo de aveleira.

Ela agradeceu, levou o ramo para o túmulo da mãe, plantou-o ali, e chorou tanto que suas lágrimas regaram-no. Ele cresceu e se tornou uma aveleira linda. Três vezes, todos os dias, a menina ia chorar e rezar

